

Algumas mudanças ortográficas do português no Brasil observadas e discutidas a partir de uma crônica de 1932

Some spelling changes of the Portuguese Language in
Brazil observed and studied from an essay written in 1932

Gabriella Monteiro Pezatto *

Joyce Elaine de Almeida Baronas **

Luciana Silvestre ***

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de estudar algumas questões referentes à ortografia da Língua Portuguesa no Brasil. Para isso, selecionamos a crônica "Quadros de todo dia", de Bluette, publicada em 1932, na revista ilustrada "A Cigarra", em que analisamos os vocábulos cujas grafias não são mais utilizadas, visando demonstrar as etapas de sua evolução. Considerando a diversidade de materiais sobre a variação linguística, optamos por adotar as teorias desenvolvidas, principalmente, por Camacho (1988), Coutinho (1958) e Williams (1975). Por fim, constatamos a natureza dinâmica da língua, que está, a todo momento, sofrendo alterações e redefinindo-se, dificultando, portanto, generalizações e conclusões herméticas a seu respeito.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Variação histórica. Ortografia. Crônica.

ABSTRACT: This paper aims to study some aspects related to the Portuguese orthography in Brazil. For this specific purpose, we selected the essay "Quadros de todo dia", by Bluette, published in 1932, in the illustrated magazine "A Cigarra", in which we analyzed words whose spelling is no longer used, focusing on the demonstration of its evolution. Taking the variety of materials about linguistic variation into account, we adopted the theory developed mainly by Camacho (1988), by Coutinho (1958) and by Williams (1975). Eventually, we verified the dynamic nature of

* Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: gabipezatto@hotmail.com

** Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Atualmente é professora associada da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: joyal@uel.br

*** Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: silvestre.luciana@hotmail.com

the language, which is changing and redefining itself all the time, raising difficulties to generalize and make hermetic conclusions about it.

KEY-WORDS: Linguistic variation. Historical variation. Orthography. Essay.

Introdução

Embora o Brasil caracterize-se por ser um país, supostamente, monolíngue, as atividades comunicativas de seus residentes demonstram o contrário, pois são marcadas por pluralidades lexicais, semânticas e fonéticas. Esses distintos falares constituem a variação linguística, que, segundo Camacho (1988), abrange 4 modalidades: histórica ou diacrônica, geográfica ou espacial, social e estilística. O autor defende a concomitância entre os tipos de variação e destaca que elas são passíveis de sofrer deslocamentos, ou seja, em uma determinada circunstância, ela pode ser histórica e, em outra, pertencer a uma ou mais modalidades diferentes.

O presente trabalho objetiva estudar, por meio da crônica “Quadros de todo dia”, de Blulette¹, publicada no ano de 1932, na revista ilustrada “A Cigarra”, a variação diacrônica da ortografia de alguns vocábulos, tendo em vista a compreensão da evolução da língua portuguesa no Brasil. Assim, selecionamos palavras cujas grafias diferem-se do modelo atual e investigamos as etapas de seu processo evolutivo.

O texto escolhido para compor o *corpus* justifica-se pelo desprestígio do gênero crônica, especialmente no campo acadêmico. Até 1930, antes de surgirem suas primeiras compilações em livros, a crônica aparecia somente em jornais e revistas, entre reportagens e textos propagandísticos, assumindo um caráter transitório e, por isso, leviano. A partir de então, o gênero passou a ganhar maior notoriedade, mas ainda há um longo caminho para que sua real importância seja explorada.

¹ In: BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981.

Percurso histórico da Língua Portuguesa

A Língua Portuguesa, assim como as demais línguas românicas, derivou-se do latim vulgar. Essa designação deve-se ao fato de as línguas originarem-se e se tornarem uma continuação da modalidade latina, que era pautada por um vocabulário reduzido, falado por aqueles que não tinham preocupações estilísticas quanto à fala e à escrita.

O português desenvolveu-se na parte ocidental da Península Ibérica, proveniente, em especial, do latim trazido pelos soldados romanos desde o século III a.C. A língua, nessa época denominada de galego-português, começou a diferenciar-se das demais línguas românicas depois da queda do Império Romano e das invasões bárbaras no século V, fatos que desencadearam sua forma escrita em documentos que, no entanto, ainda apresentavam muitas passagens misturadas ao latim. No século XV, o idioma passa a despontar como uma língua de literatura bastante fértil.

Dessa forma, durante o período da Renascença, com o ascendente desuso do latim e a transformação das línguas vernáculas em línguas de cultura, os clássicos greco-latinos foram substituídos pelas línguas neolatinas. Esse acontecimento histórico é relevante devido ao fato de que, *se uma norma culta não é bem definida, será difícil que uma ortografia seja fixada*.

Foi a partir dessa época, então, que o número de palavras eruditas originárias do latim clássico e do grego arcaico aumentou significativamente, contribuindo para tornar a língua cada vez mais complexa. O fim do “português arcaico” é marcado pela publicação do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende², em 1516, em Portugal.

Com os descobrimentos portugueses, a língua espalhou-se por muitas regiões da Ásia, África e América, ao longo dos séculos XIV e XVI, período em que se inicia a fase do Português moderno, com a uniformização da língua, que já adquire as características da língua atual. A literatura portuguesa produzida

² A obra citada é retomada em *História Literária de Portugal* (FIGUEIREDO 1966). Cf. referências.

por Camões desempenhou um papel fundamental nesse processo de uniformização, pois o célebre escritor criou um modelo ortográfico simples e elegante do idioma, dando início a um período fixo da ortografia a ser seguido, deixando de lado velhos hábitos.

No ano de 1536, o padre Fernão de Oliveira publicou a primeira gramática de Língua Portuguesa, a *Grammatica de Lingoagem Portuguesa*³, cujo estilo se baseava no conceito clássico de gramática, compreendida como “arte de escrever e falar corretamente”.

A evolução ortográfica do português

À medida que a língua portuguesa torna-se mais difundida na modalidade escrita, sobretudo de forma oficial, o idioma passa a se distanciar, cada vez mais, de uma simples forma latina, apresentando-se como “uma adaptação desta à escrita da nova língua” (CAGLIARI, 1994, p.107). Assim, com a estabilização de sua tradição escrita, aos poucos, seu sistema ortográfico foi consolidado.

A partir do século XVI, difundiu-se o uso de grafias etimológicas (e pseudoetimológicas) em Portugal e no Brasil, denotando o desejo de justificar a escrita das palavras vernáculas por meio de suas raízes gregas ou latinas, fossem elas genuínas ou não.

Com a publicação da Ortografia Nacional pelo foneticista português Gonçalves Viana, no ano de 1904, é realizada uma análise da história interna da língua e de suas tendências fonéticas, propondo, entre outras regras, a eliminação dos símbolos da etimologia grega e das consoantes mudas.

Ao ser instaurada a república em Portugal, em 1910, uma comissão foi nomeada a fim de estabelecer uma ortografia simplificada da língua para ser usada em publicações oficiais e no ensino. Esse fato culminou, em 1911, na 1ª Reforma Ortográfica da Língua Portuguesa, realizada, entretanto, sem consultar o Brasil, o que contribuiu para acentuar as diferenças de grafia entre os dois

³ Edição atualizada intitulada *Gramática da linguagem portuguesa*, de 1981. Cf. referências.

países. Todavia, não alheia aos avanços lusitanos, a já instituída Academia Brasileira de Letras (ABL) começou, também, a simplificar a escrita em suas publicações.

Somente no ano de 1924, a Academia das Ciências de Lisboa e a ABL começam a buscar uma grafia comum entre os países. Porém, esse processo de convergência não foi completamente adotado, como algumas outras tentativas de unificação, que simplesmente fracassaram, apesar dos esforços da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

O último acordo de Língua Portuguesa foi assinado no ano de 1990 e promulgado, no Brasil, em 2008, pelo então presidente da república Luís Inácio Lula da Silva. Além do Brasil, o acordo compreende os países de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, e São Tomé e Príncipe. Sua validação, no país, está fixada para janeiro de 2016, caso não haja decretos que posterguem a data.

A variação linguística

A língua não se diversifica apenas no espaço social, pessoal ou interpessoal, ela se transforma, também, no tempo e no espaço. Desse modo, a diversidade linguística ocorre em falantes que partilham a mesma língua, operando de modo a identificá-los como uma comunidade linguística e, por consequência, distinguindo-os de outras.

Dessa forma, a relação entre os indivíduos pertencentes a uma comunidade particular de fala é determinante ao fenômeno da variação linguística. Acerca disso, Camacho (1988) afirma:

A linguagem humana varia de acordo com o grau de contato entre os seres que constituem a comunidade universal. O que se convencionou por língua portuguesa, língua espanhola, língua francesa etc., é obviamente o resultado de um grau mínimo de contato cultural entre os povos falantes de cada língua, cuja consequência imediata é a dificuldade de comunicação, a ponto de um indivíduo que fale francês

não entender outro que fale português e assim por diante. (CAMACHO, 1988, p.1)

A variação, então, contempla os diversos falares entre os usuários de uma língua, na qual as formas linguísticas variáveis são denominadas variedades linguísticas. Conforme Tarallo (1990, p.8), “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”.

Ainda de acordo com Camacho (1988), há quatro formas específicas de variação da língua: a *geográfica* ou espacial, decorrente da diversidade de falares de comunidades linguísticas relativamente extensas que partilham do mesmo idioma; a variação *social*, resultado da tendência de aproximação entre as práticas verbais de membros de um mesmo setor sociocultural de uma comunidade; a *estilística* ocorre quando um determinado sujeito busca adequar seu modo de falar às diferentes circunstâncias de comunicação em que se insere e; por fim, a variação *histórica* ou diacrônica, cujo tema é assunto deste trabalho e que, portanto, será explicada posteriormente.

As modalidades de variação linguística não ocorrem de modo isolado, visto que há uma inter-relação entre elas, havendo casos em que, inclusive, uma forma necessite da ocorrência de outra para se consolidar, pois não há língua que esteja imune às inúmeras transformações decorrentes de seu uso.

A variação histórica

Denominada também de variação diacrônica (do grego *chronos* - tempo), essa forma de variação é resultante de um processo de mudança linguística, isto é, origina-se por meio da sucessão de dois estados de uma mesma língua.

O processo tem início quando uma determinada forma linguística, limitada a um grupo restrito de falantes, propaga-se para um grupo mais

privilegiado socioeconomicamente, o qual reconhece, no novo modelo, algum fator que o torne mais prestigioso em relação à forma em desuso e, sendo confinada ao uso das gerações seguintes, acabe por substituir completamente a passada.

No entanto, antes que sua adoção seja feita por completo, a nova modalidade linguística e sua forma arcaica são utilizadas em períodos concomitantes, até que essa caia no desuso e a substituição aconteça por completo, de forma que o novo modelo se estabeleça, também, na norma escrita da língua. É comum, porém, que pessoas de mais idade sejam resistentes aos novos termos, já que, para elas, os arcaísmos ainda são formas mais prestigiosas.

A influência determinante do grupo social ocorre pelo fato de a aquisição das habilidades linguísticas de um indivíduo constituir o reflexo de seu convívio com o meio no qual está inserido, isto é, seu ambiente familiar é determinado por circunstâncias sociais que concebem normas de conduta, critérios culturais e, conseqüentemente, linguísticos a serem seguidos pelo usuário da língua (CAMACHO, 1988, p.4).

Uma variedade divulgada por um grupo social, em determinada época, pode ser abandonada no transcorrer do tempo, permanecendo somente nos registros escritos, tornando-se, dessa forma, esquecida (arcaica) e sem uso, originando uma nova palavra, marcada pelo momento histórico e pelos grupos sociais de prestígio, juntando-se à língua como uma variedade aceita e reconhecida.

Os fatores desencadeadores da variação histórica podem ser internos à língua, seja pelo desaparecimento de formas não funcionais, pelo princípio da economia, que tende a eliminar redundâncias e pela introdução de novos elementos, com a função de tornarem a comunicação mais clara e não ambígua; ou, então, externos à língua, relativos a mudanças políticas e sociais, em que a criação de fronteiras políticas acaba por culminar na criação de fronteiras linguísticas.

A análise dos registros escritos de uma língua é o método mais genuíno para que o estudo dessa forma de variação se consolide, pois, ao legitimar os termos adotados, permite o acesso a modelos linguísticos de outrora.

Análise do *corpus*⁴

Publicada em março de 1932, em “A Cigarra”, uma das principais revistas ilustradas da década de 1930, a crônica “Quadros de todo dia”, de Blurette, narra um recorte da vida de uma mulher que vende jornais, identificada como Iracema. O texto apresenta diversas ocorrências de variação histórica relativas à ortografia. Enquanto alguns casos podem ser explicados com base em heranças históricas, outros carecem de respaldo teórico e, por isso, sua compreensão requer exercícios dedutivos. Além disso, é necessário frisar que o modo como algumas palavras são grafadas podem não encontrar correspondentes em outros materiais, visto que muitos copistas não dominavam integralmente as normas ortográficas e, portanto, cada um escrevia como melhor lhe conviesse.

Uma das mais recorrentes diferenciações ortográficas encontradas na crônica é a duplicação consonantal. O duplo **f** intervocálico, por exemplo, era bastante comum, conforme verificamos em **official** (linha 2). Williams (1975) credita esse modelo ortográfico ao período fonético, que coincide com a época do português arcaico: “o uso de *ff* intervocálico por *f*, e. g., *deffender* por *defender*, pode ter sido adotado para indicar inconfundivelmente o som de *f*, já que o *f* simples intervocálico latino se tornara *v* em português” (WILLIAMS, 1975, p.39). Os termos **soffri** (linha 19) e **soffreu** (linha 46), por sua vez, provavelmente são frutos da duplicação indistinta, baseada unicamente na imitação desse fenômeno nas intervocálicas.

⁴ A crônica analisada encontra-se, em anexo, após as referências.

Como o período fonético gerou inúmeras grafias para os mesmos vocábulos, na medida em que os escribas adaptavam ou criavam representações para os sons que ouviam, esse método foi substituído pelo sistema pseudoetimológico, que durou da segunda metade do século XVI até o ano de 1911. Naquele momento, a grafia das palavras era baseada em sua raiz etimológica, porém, enquanto alguns buscavam suas origens gregas, outros optavam pelas latinas, inviabilizando, novamente, a uniformização da escrita.

Consequentemente, em 1911, é concebida a primeira reforma ortográfica da Língua Portuguesa, cujo objetivo era a simplificação da escrita. As principais medidas propostas foram a eliminação de consoantes duplicadas, com exceção do **rr** e do **ss**, a substituição do **y** pelo **i**, a abolição dos símbolos de etimologia grega ou latina, como **th**, **ph**, **rh**, e a normalização da acentuação gráfica. Embora tenha sido implementada no início do século XX, somente a Academia de Ciências de Lisboa aderiu às mudanças. No Brasil, algumas formas arcaicas perduraram, sendo incorporadas, de fato, posteriormente. Conforme aponta Aguiar,

(...) em 30 de abril de 1931, por meio do Decreto nº 20 108, firma-se o primeiro Acordo Ortográfico luso-brasileiro sobre o uso da ortografia nas repartições públicas e nos estabelecimentos de ensino; com isso, oficializa-se, no Brasil e em Portugal, a ortografia simplificada. (AGUIAR, 2007, p.22).

Também verificamos, na crônica de Blurette, a duplicação do **l** em **tiracollo** (linha 7), **aquelle** (linha 34) e **aquella** (linha 40). Williams (1975) atribui o duplo **l** a três possíveis fatores: à herança do galego, em que o **ll** correspondia ao **lh**; quando no início da palavra, a fim de tornar o som mais longo do que o obtido pelo **l** único; quando no fim do vocábulo ou antes de consoante, para indicar som velar. Nos casos destacados, embora o aspecto fonético não se assemelhe, a primeira hipótese é a mais compatível, visto que, na língua espanhola, os vocábulos são grafados com duplo **l** (*tiracuello*, *aquelles* e *aquellas*).

Outras palavras que aparecem com a duplicação consonantal são **annos** (linhas 17, 21 e 34), **delle** (linha 18) e **bocca** (linha 23). Enquanto **annos** e **bocca** parecem ter conservado os padrões do período pseudoetimológico, na medida em que suas raízes provêm dos termos latinos *annus* e *bucca*, é provável que **delle** tenha adotado o **l** duplo indiscriminadamente, com o intuito único de imitar outras “consoantes simples e duplas intervocálicas” (WILLIAMS, 1975, p.39), sem que houvesse qualquer interferência em sua pronúncia.

Como já mencionamos, a reforma ortográfica de 1911 não significou a alteração imediata na grafia das palavras no Brasil. Isso pode ser percebido no texto analisado, em que **orphã** (linha 16) aparece com **ph** em detrimento do **f**, caracterizando a perduração do símbolo de etimologia latina decorrente de sua forma antiga, *orphanus*. O mesmo fato é observado em **fructas** (linha 19), em que se conservou integralmente o padrão latino e manteve-se a consoante **c**, ainda que ela não representasse qualquer variação fonética.

Outro fenômeno muito evidente no texto é a ausência de sinais gráficos, como em **aguia** (linha 1), **paraizo** (linha 2), **labios** (linhas 4, 5, 44 e 49), **petulancia** (linha 5), **por que** (linha 7), **alguem** (linhas 8 e 25), **historia** (linha 10), **serio** (linha 21), **ha** (linha 21), **ninguem** (linha 23), **tres** (linha 26), **negocio** (linha 32) e **indio** (linha 44). Como os estudos prosódicos dos períodos pseudoetimológico e simplificado são escassos, optamos por sugerir as prováveis causas que levaram à falta do sinal gráfico. A primeira delas baseia-se nos equívocos cometidos pelos datilógrafos. Estimando-se que grande parte dos indivíduos encarregados de datilografar os textos não detinha muito conhecimento linguístico, seria natural que alguns vocábulos fossem grafados erroneamente – inclusive, podemos anexar a essa categoria os termos **si** (linhas 13 e 28), **socegada** (linha 14), **fel-a** (linha 44) e **deslisou** (linha 44).

Ainda sobre a questão dos acentos gráficos, outra possibilidade está relacionada com os equipamentos utilizados para a produção dos textos. Com a recente incorporação das máquinas de escrever nas redações, os funcionários responsáveis podem ter encontrado dificuldades em seu manuseio. Assim, por mais que detivessem a sabedoria ortográfica, encontravam empecilhos para

colocá-la em prática, o que explicaria o fato de algumas palavras apresentarem acentuação diferenciada: **e'** (linhas 7, 13 e 31), **ás** (linha 26) e **á** (linhas 33 e 46). Na tentativa de distinguir o **e**, conjunção, do verbo **ser** na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o datilógrafo marcou, como pôde, o verbo. O mesmo pode ter acontecido para diferenciar o **a** craseado do artigo definido feminino, resultando em **ás** e **á**.

Ademais, ao discorrer sobre a nasalização, Coutinho (1958) menciona a negligência dos copistas ao marcá-la, por til (~), duas aspas ("), **m** ou **n**. Descuido idêntico pode ter ocasionado a falta do acento nas palavras destacadas na crônica.

Um dos casos que mais gera discussão entre os linguistas históricos é o do plural de palavras terminadas em **l** que são grafadas com terminação **es**, como **jornaes**, nas linhas 13, 21, 22, 37 e 41. Entre alguns dos teóricos que estudaram a questão, encontra-se Teyssier (1997), que questiona, em primeiro lugar, a supressão de algumas consoantes, entre elas o **l** intervocálico, resultando em hiatos, e, em segundo lugar, o aparecimento do **e** na formação do plural. Conforme o autor, houve tentativas imediatas de eliminar os hiatos provenientes da síncope do **l**. Para isso, contraíram-se duas vogais orais em um ditongo oral: "a pronúncia monossilábica de certos grupos de vogais em hiato produz ditongos. Assim, *a-e* dará *ae*, que se confundirá com *ai*; ex.: *sina-es* (plural de *sinal*) > *sinaes* > *sinais*" (TEYSSIER, 1997, p.52).

No que tange à ocorrência do **e**, Costa (2006) menciona duas possibilidades:

- a) Postulamos que *-e* está presente na representação subjacente, como em *sinale*, e daí pressupomos que *-e* só surge na superfície através da formação de plural.
- b) Admitimos que *-e* é inserido por um processo de epêntese para desfazer a seqüência agramatical LS em coda, como em *sina/s*. (COSTA, 2006, p.2-3).

Apresentadas algumas hipóteses plausíveis para a questão do plural terminado em **es**, torna-se necessário expor teorias acerca do processo que culminou na forma conhecida atualmente, demarcada pelo **is**.

Apesar de simples, acreditamos que essa mudança seja resultante do processo de alçamento, que substituiu o **e** pelo **i**. Assim, traçando o percurso da palavra analisada, temos a forma latina *diurnalis*, a sua evolução, por volta da segunda metade do século XIV, para *jornaees*, a simplificação desse modelo, resultando em *jornaes*, observado na primeira metade do século XIX, e, por fim, *jornais*, que perdura até os dias atuais.

Finalmente, as palavras **doirada** (linha 1), **creada** (linha 16), **creou** (linha 17), **Platéa** (linha 22) e **sáe** (linha 26) parecem não seguir um padrão que justifique sua grafia. **Doirada** é o único caso que pode ter relação com a grafia do português europeu, visto que esse modelo ortográfico é encontrado nos dicionários lusitanos. Os outros vocábulos, cuja compreensão exigirá uma pesquisa mais aprofundada e minuciosa, serão estudados posteriormente, em um próximo artigo.

Conclusão

A língua, seja em sua modalidade escrita ou falada, compõe um sistema complexo e dinâmico que evolui naturalmente conforme as influências sofridas por fatores externos, históricos, sociais, culturais etc. O português, como é utilizado hoje, não será escrito e falado do mesmo modo daqui a alguns anos. Dessa forma, apesar dos esforços de diversos acordos ortográficos que objetivam unificar a escrita, é evidente a dificuldade em acompanhar a dinâmica dessa evolução, visto que suas regras não bloqueiam o constante desenvolvimento linguístico. A esse respeito, Silva Neto (1970) enfatiza a importância da evolução linguística:

A evolução, repetimos, é complexa e melindrosa, relacionada com mil e um acidentes, cruzada, recruzada e entrecruzada - porque não representa a evolução de uma coisa feita e acabada, mas as vicissitudes de uma atitude em perpétuo movimento. (SILVA NETO, 1970, p.52).

O *corpus* estudado permitiu-nos verificar e refletir sobre alguns aspectos linguísticos importantes da história da Língua Portuguesa pertinentes à questão ortográfica, cuja evolução é intrínseca às necessidades dos usuários da língua. Para tanto, procedemos ao levantamento da origem da língua, suas influências, expansão e evolução, sobretudo no Brasil.

Além disso, importa-nos destacar a relevância da preservação dos documentos para a realização da pesquisa histórica da linguagem, que contribui significativamente para a compreensão dos diferentes estágios pelos quais a língua perpassa.

A crônica pode revelar-se uma grande aliada para tais estudos, considerando-se sua relação temporal, designada pela própria etimologia da palavra *chronos*, do grego, que remete a tempo. Apesar de alguns teóricos sustentarem que, atualmente, esse fator não deve ser considerado como obrigatório, Arrigucci Junior (1987) pontua:

Um leitor atual pode não se dar conta desse vínculo de origem que faz dela [a crônica] uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo.

Lembrar e escrever: trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido – uma definição que se poderia aplicar igualmente ao discurso da História, a que um dia ela deu lugar. (ARRIGUCCI JÚNIOR, 1987, p. 51).

Referências

AGUIAR, Monalisa dos Reis. As reformas ortográficas da língua portuguesa: uma análise histórica, lingüística e ideológica. In: *Filologia lingüística portuguesa*, n.9, p.11-26, 2007. Disponível em:

<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/images/arquivos/FLP9/Aguiar.pdf>. Acesso em: 25/01/2012.

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.

BLUETTE. Quadros de todo dia. In: BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Algumas reflexões sobre o início da ortografia da língua portuguesa. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, (27):103-111, Jul./Dez. 1994. Disponível em: <http://espea.iel.unicamp.br/revista/index.php/cel/article/view/1642/1216>. Acesso em: 16/01/2012.

CAMACHO, Roberto G. A variação linguística. In: *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus*. São Paulo, SE/CENP, 1988, 3v.

COSTA, Cristine Ferreira. Análise histórica da formação de plural em palavras terminadas por -al: uma interpretação segundo a Teoria da Otimidade. In: *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 4, n. 7, agosto de 2006. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 25/01/2012.

COUTINHO, Isamael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 4.ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FIGUEIREDO, Fidelino de. Cancioneiro Geral de Garcia de Resende. In: *História Literária de Portugal - Séculos XI-XX*. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966, p. 102-108.

OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da linguagem portuguesa (1536)*. 1 ed. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981.

SILVA NETO, Serafim. *História da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 3 Ed. São Paulo: Ática, 1990.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Trad. Antônio Houaiss. 3.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

Anexo

QUADROS DE TODO DIA

Nesta cidade que vibra e palpita como **aguia** real, hoje em gaiola-**doirada** neste **paraizo** que deslumbraria Adão se voltasse, já **official** ou doutor, nesta cidade nasceu Iracema.

A virgem dos **labios** de mel?

5 Quem sabe? No brilho dos seus olhos, na **petulancia** dos **labios** grossos de Iracema, eu sinto algo de novo! Faces pintadas, sorriso brejeiro, meias de "golf", bolsa a **tiracollo**... Engraçada! **E'** esbelta e faceira. **Por que?** Para prender **alguem**?

Indaguemos.

10 – Diga, Iracema: uma **historia** de amor em sua vida?

– Nada disso! Nem pense; os homens não valem nada!

– Então por que anda assim bonita?

– **E'** para vender mais **jornaes**. **Si** não houvesse homens a gente vivia tão **socegada**!...

15 – Mas... e o amor? Como foi?

– Sou **orphã**. Fui bem **creada**. Eu até sou Iracema Penteado. Penteado é a gente que me **creou**. Com quatorze **annos** gostei de um moreno. Todo o mundo dizia que o peste não prestava; eu ouvi a cabeça **delle**. Fui abandonada... Depois tive que ganhar a minha vida cozinhando. **Soffri**. Andei vendendo **fructas** no largo do Correio e fui tão perseguida pelos guardas... Ser bonita é um caso **serio**! **Ha** quatro **annos** descobri a felicidade: vender **jornaes**! A Gazeta! A **Platéa**! Compro **jornaes**, com dinheiro ou sem dinheiro! Quem não conhece Iracema? Aqui **ninguem** me passa a perna. Minha **bocca** não engole desaforo!

25 – Tem a Folha? – **alguem** pergunta a seu lado.

– A Folha só **sáe ás tres** e meia, mas hoje vem boa! Traz, decerto, o interventor.

– Vem algum hoje?

30 – Ah, **si** vem! O que vem mais, agora, é interventor. Eu guardo a Folha para a senhora...

Voltando-se, diz:

– **E'** uma mina esse **negocio** de interventor! Até parece que fizeram dar lucro **á** gente! Eu só tenho medo que o Getulio deixe, de uma vez, o Rabello aqui!

35 – E o seu pretendente? **aquelle** dos quatorze **annos**?

– Sumiu ou morreu.

– E para o futuro?

– Futuro? Uma banca de **jornaes**, muito dinheiro, depois...

E dando uma risada:

40 –... interventora, aproveitando a maré!

Sorrindo, lá se foi Iracema, **aquella** que encontrou a felicidade, vendendo **jornaes**...

45 Iracema, coitada! Você não sabe que houve uma virgem branca e pura que tinha os **labios** de mel. Foi amada e amou! E um **indio** **fel-a** subir, como em sonho, num ramo de palmeira que **deslisou**, sereno, sobre a placidez das águas, **a** luz crepuscular...

50 Você, Iracema, que viu partir o companheiro, você que chorou e **soffreu**, que tem a alma branca e simples de outra, terá seu despertar num mundo onde a vida é um eterno favo de mel como os **labios** da Iracema de outrora...

Isto, conforme a promessa do Senhor.

Recebido em abril de 2013.
Aprovado em julho de 2013.